

Transitários apontam para um novo contrato coletivo

URL:

<https://expresso.pt/economia/2019-10-21-Transitarios-apontam-para-um-novo-contrato-coletivo>

Projetos Expresso. As empresas de transportes procuram novos rumos para a distribuição. A colaboração e a digitalização estão entre os grandes pilares do futuro

Os desafios decorrentes da digitalização e da necessidade de as empresas colaborarem são as novas pedras de toque dos transitários. E, para o conseguir, os responsáveis do sector esperam obter melhores condições profissionais e um novo enquadramento de trabalho, para que as empresas consigam responder às mudanças globais. Este foi o desejo expresso pelo presidente da direção da Associação dos Transitários de Portugal (Apat), Paulo Paiva, quando revelou que a direção está pronta para avançar com a negociação de um novo contrato coletivo. "Já há contactos com os sindicatos" com vista a avançar para um conjunto de medidas que tragam uma nova cara a "uma lei geral completamente desajustada", garante o dirigente, sem querer avançar mais pormenores.

O universo da distribuição logística vive uma fase de mudança acelerada em que novos concorrentes e formas alternativas de transporte obrigam a outra abordagem do negócio por parte das empresas. E o novo paradigma foi vislumbrado nos dois dias do 17º Congresso da Apat, que contou com o apoio do Expresso. Para muitos dos profissionais que ao longo desses dois dias estiveram reunidos no auditório do Museu de Portimão talvez seja mesmo melhor começar pela palavra que oficialmente define a sua atividade. "Quando mudam o nome de transitário para operador de logística", questionou o presidente da Autoridade da Mobilidade e dos Transportes, João Carvalho. É apenas um dos aspetos da modernização do sector que esteve em cima da mesa.

"O digital está a permitir uma nova economia", garantiu Bruno Horta Soares, conselheiro executivo da International Data Corporation, com a ressalva de que a "estratégia tem de ser de longo prazo. Leva tempo". Ou seja, é preciso perceber como "é que a tecnologia pode ajudar a transformar a liderança, como está a mudar o trabalho, a capturar novos talentos e a reestruturar competências".

Cofundador e COO da Mixmove, plataforma tecnológica baseada num algoritmo inteligente para gerir redes complexas, Artur Alves não tem dúvidas do papel que empresas como a sua têm ao "garantir que o transporte é feito da forma mais eficiente", sobretudo quando se estima que a má organização na distribuição de bens custa EUR300 mil milhões todos os anos. E acrescenta que "todos estes desenvolvimentos tecnológicos não foram feitos para fazer disrupção, mas sim para colaborar com os transitários". Como lembra o diretor comercial da F. Rego, Luís Teixeira, "a recapitação das pessoas é essencial para as manter motivadas".

Trabalhar juntos

Para Moreira da Silva, é claro que "estamos numa encruzilhada, mais uma das várias que o século XXI nos tem trazido". O sócio da SRS Advogados considera que é essencial colocar as fichas na "passagem do transporte unimodal para o multimodal", o que implica maior organização e uma mudança estrutural dentro das empresas, porque "todos lidam diariamente com o caos e a quantidade de agentes envolvidos". A resposta é a colaboração, e o congresso foi fértil em declarações de apoio à maior interligação entre os diferentes atores.

Neste campo entram também em ação as infraestruturas de expedição, que todos consideram essenciais para o crescimento da economia colaborativa e para a atração do investimento estrangeiro.

Nuno David, diretor-geral da Yilport, é perentório ao defender que os transitários devem "trabalhar juntos para transportar da forma mais eficiente possível a carga" e "trocar informação de uma forma automática proativa", enquanto Duarte Rodrigues, administrador do Grupo Sousa Questão, acredita que "a rapidez de rotação entre transportes é fundamental".

"Todas as empresas têm como objetivo destacarem-se, mas isso não significa que não tenham de colaborar ou que a competição desapareça", atira o ex-ministro da Justiça e da Defesa, José Pedro Aguiar-Branco. O advogado acredita que "as empresas precisam de parcerias estratégicas que permitam um ganho de produtividade" para também fazer frente a outros desafios, como a pirataria ou os ciberataques. Já Bruno Aires, country manager da TAP Cargo, é da opinião que o "passo seguinte para o crescimento implica perceber as oportunidades de mercado para crescer", ao passo que o diretor de operações da Brasmar, Vítor Guimarães, recordou que "trabalhar com muita legislação" faz parte da atividade.

Ana Raposo, subdiretora geral da Área de Procedimentos Aduaneiros da Autoridade Tributária, lembra que "o quadro legislativo das alfândegas é comunitário" mas que tem havido uma "grande evolução" na ótica de tornar os procedimentos mais simples e menos burocráticos para que as empresas tenham a tarefa mais facilitada. Entre digitalização e colaboração, o professor da Nova School of Business and Economics, Nadim Habib, acrescenta que é preciso mudar mentalidades, porque se é um facto que "o português trabalha, mais ou menos, 400 horas a mais do que um alemão", também é verdade que eles "são tão organizados que não conseguem trabalhar". A única certeza é a que deixa Ana Raposo: "Se há um elo permanente na cadeia é o papel do transitário."

Melhores frases

"O português trabalha 400 horas a mais do que um alemão (...). São tão organizados que não conseguem trabalhar"

Nadim Habib

Professor da Nova School of Business and Economics

"O esforço da digitalização é importante para o esforço de descarbonização. As alterações climáticas têm grandes efeitos económicos e cabe a todos contribuir"

João Carvalho

Presidente da Autoridade da Mobilidade e dos Transportes

"É preciso construir um modelo novo de crescimento. Estamos numa fase de mudança. A dificuldade suplementar é perceber como vamos criar novos valores"

José Pedro Aguiar-Branco

Advogado

"Precisamos de um permanente desenvolvimento das infraestruturas para conferir ao nosso país a desejada atratividade. Só assim conseguimos crescer"

Paulo Paiva

Presidente da direção da APAT

Presente e futuro As exportações representam 44% da economia nacional, e as 355 empresas transitárias com atividade no país são essenciais para levar os produtos e bens portugueses para o exterior Mais de 52% das empresas foram fundadas após 1999, o que é demonstrativo de um sector em crescimento e a beneficiar de novas tecnologias e da modernização O Norte e a Grande Lisboa

concentram mais de 84% dos agentes transitários do país, o que é ilustrativo de algum desequilíbrio territorial mas também da importância destas regiões nas exportações O volume de negócios do sector é de EUR2160 milhões, isto é, 1,1% do PIB "As startups no sector representam 17% dos lucros globais mas 47% do 'dinheiro' digital", garante Bruno Horta Soares, da IDC. Em 2021, 50% do PIB mundial vai estar alavancado em tecnologias ligadas ao digital "O futuro vai deixar de se fazer tanto no rodoviário, vai ter também transitários", mais amigos do ambiente, avisam Ricardo Leonardo, consultor de gestão estratégica, e André Costa, diretor financeiro no ISCTE Junior Consulting

Textos originalmente publicados no Expresso de 19 de outubro de 2019

[Additional Text]:

Tiago Oliveira

Tiago Oliveira